

6. Referências Bibliográficas

ALVES, Ana Claudia. *O patrimônio cultural brasileiro: novos instrumentos de preservação*. Brasília: MinC: IPHAN:DID, 2002. Memorando 151.

ARANTES, Antônio Augusto. “Patrimônio imaterial e referências culturais”. In.: *Tempo Brasileiro: Patrimônio Imaterial*, Out-Dez, nº 147. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2001.

ARQUIVO ALOÍSIO MAGALHÃES (IPHAN/MinC)

BARTHES, Roland. *A aventura semiológica*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. *O óbvio e o obtuso*. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1990.

_____. *O rumor da língua*. Tradução: Mario Laranjeira -2ºed-. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BECKER, Howard. “Mundos Artísticos e Tipos Sociais”. In.: *Arte e Sociedade: ensaios de sociologia e arte*. (org) Gilberto Velho. Rio de Janeiro:Zahar Editores, 1977.

BHABHA, Homi. *O local da cultura* Tradução Myriam Ávila, Eliana Lima Reis, Gláucia Gonçalves. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

BOMFIM, Gustavo Amarante. *Algumas Palavras*. Texto avulso, Rio de Janeiro, 2005.

_____. “Coordenadas cronológicas e cosmológicas como espaço das transformações formais”.in: Couto. M. S. e Jefferson, A. O. (org.) *Formas do Design por uma metodologia interdisciplinar*. Rio de Janeiro:2AB &PUC-RJ,1999.

_____. *Idéias e Formas na História do Design- uma investigação estética*. João Pessoa: Editora da UFPB,1998.

BOTELHO, Isaura. *Dos conceitos de cultura à formulação de políticas: retomando o debate*. Simpósio Aloísio Magalhães de política cultural. MinC/IPHAN; Brasília, 2002.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. Introdução, organização e seleção Sergio Miceli – 5º ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.

_____. *Langage et pouvoir symbolique*. Paris: Éditions Fayard, 2001.

BRASIL. Constituição Federal (1988). Seção II, Artigo 216, *caput*, incisos, parágrafos.

- BRASIL. Decreto Presidencial n.º 3551, agosto de 2000.
- CARVALHO, Luciana. “Inventando saberes, criando patrimônio”. In.: __ *Textos escolhidos de cultura e artes populares*. Semana da Cultura Popular 2004. Rio de Janeiro: UERJ, 2004.
- DUNLOP, Regina. “Artesanato Solidário”. In.: __ *Tempo Brasileiro: Patrimônio Imaterial*, Out-Dez, nº 147. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2001.
- CENTRO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS. Bases para um Trabalho sobre o Artesanato Brasileiro Hoje. Brasília: IPHAN; AAM, 1975.
- COSTA, Lucio. *Lucio Costa: documentos de trabalho*. Coord. José Pessoa. Rio de Janeiro: IPHAN, 1999.
- DUNLOP, Regina. “Artesanato Solidário.” In.: __ *Tempo Brasileiro: Patrimônio Imaterial*, Out-Dez, nº 147. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2001.
- ELIAS, Nobert. *Mozart: Sociologia de um gênio*. Michael Schröter (Org). Tradução Sergio Groes de Paula. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 1995.
- FARIA, Luiz de Castro. “Nacionalismo, nacionalismos - dualidade e polimorfia: à guisa de depoimento e reflexão.” In.: __ *A invenção do Patrimônio*. Rio de Janeiro: IPHAN, 1995.
- FONSECA, Cecília Londres. *O patrimônio em processo: trajetória da política federal de preservação no Brasil*. Rio de Janeiro: UFRJ; IPHAN, 1997.
- _____. “Os inventários nas políticas de patrimônio imaterial”. In.: __ *Celebrações e Saberes da Cultura Popular: pesquisa, inventário, crítica, perspectivas*. Série Encontros e estudos, n.5. Rio de Janeiro: Funarte; CNFCP, 2004.
- _____. “Para além da ‘pedra e cal’: por uma concepção ampla de patrimônio”. In.: __ *Tempo Brasileiro: Patrimônio Imaterial*, Out-Dez, nº 147. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2001.
- FOUCAULT, Michael. *A ordem do discurso*. Tradução Laura Fraga A. Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- _____. *As palavras e as coisas*. Tradução Salma Tannus Muchail. 8º ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- FREUD, Sigmund. “O Mal-Estar na Civilização” (1930). In.: __ *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*, vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1980.
- FUNDAÇÃO NACIONAL PRÓ-MEMÓRIA. *Artesanato e Cultura Popular*. Brasília: IPHAN; AAM, sem data.

- GARCÍA CANCLINI, Néstor. *A globalização imaginada*. São Paulo: Iluminuras, 2003.
- _____. *As culturas populares no capitalismo*. Tradução Cláudio Novaes Pinto Coelho. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- _____. *Culturas híbridas*. Tradução Heloísa Pessa Cintrão. 4º ed. São Paulo: EDUSP, 2003.
- GONÇALVES, José Reginaldo. *A retórica da perda: os discursos sobre patrimônio cultural no Brasil*. Rio de Janeiro: UFRJ; IPHAN, 2002.
- _____. “O templo e o fórum : reflexões sobre museus , antropologia e cultura.” In.: *A invenção do Patrimônio*. Rio de Janeiro: IPHAN, 1995.
- GROULIER, Jean-François. Da imitação à expressão. In: *A pintura: da imitação à expressão* . Org: Jacqueline Linchtenstein, 2004.
- HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- _____. *Da Diáspora: Identidade e mediações culturais*. Tradução Adelaine La Guardiã Resende. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- HOBBSAWN, Eric.; RANGER, Terence. *A invenção das tradições*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. *Os sambas, as rodas, os bumbas, os meus bois: A trajetória da salvaguarda do patrimônio cultural imaterial no Brasil*. Brasília: Brasília Artes Gráficas, 2006.
- _____. *Inventário Nacional de Referências Culturais, Manual de Aplicação*. Brasília: DID, 2000.
- _____. *INRC – Goiás: Proposição de Inscrição da Cidade de Goiás na Lista de patrimônio da Humanidade*. Brasília: DID, 2000.
- _____. *O Registro do Patrimônio Imaterial: Dossiê final das atividades da Comissão e do Grupo de Trabalho do Patrimônio Imaterial*. Brasília: IPHAN, 2000.
- JAPIASSU, Hilton. *Introdução ao pensamento epistemológico*. 4.ed. Rio de Janeiro : Francisco Alves Editora, 1986.
- KUPER, Adan. *Cultura: a visão dos antropólogos*. Tradução de Mirtes Franges de Oliveira. Bauru, SP; EDUSP, 2002.
- LACAN, Jacques. (1949) “O estádio do espelho como formador da função do eu”. In.: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
- LIMA, Ricardo. “Artesanato cinco pontos para discussão”. In.: *Seminário Olhares Itinerantes*. Bezerros: ARTESOL, [2004?]

- _____. *Ricardo Lima um antropólogo de Mãos dadas com o artesanato*. São Paulo, 2003. Disponível em: www.acasa.org.br/impressoes.php, Acesso em: 10, agosto de 2006
- MAGALHÃES, Aloísio. *E triunfo?: a questão dos bens culturais no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Fundação Roberto Marinho, 1997.
- MORAES, Eduardo Jardim. “Modernismo e Folclore”. In.: _____. *Seminário de Folclore e cultura popular: as várias faces de um debate*. Série Encontros e estudos, n.1. Rio de Janeiro: Funarte; CNFCP, 2000.
- MOTTA, Lia e Maria Beatriz R. Silva (orgs). *Inventários de Identificação*. Rio de Janeiro:IPHAN, 1998.
- MAUSS, Marcell. *Sociologia e Antropologia*, vol.2. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1974.
- NICOLACI-DA-COSTA, Ana. “Revoluções Tecnológicas e Transformações Subjetivas”. In.: _____. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. 2002, 18(2).
- _____. “O campo da pesquisa qualitativa e o Método de Explicitação do Discurso Subjacente (MEDS)”. In.: _____. *Psicologia: Reflexão e Crítica*. Aceito para publicação em 2006. No prelo.
- _____. “O Sujeito e a Mudança Cultural: Descasamento e Conflitos Pedagógicos”. In.: _____. *Sujeito e cotidiano: um estudo da dimensão psicológica do social*. Editora Campus. s.d.
- OLIVEIRA, Madson Gomes. *Bordado como assinatura: tradição e inovação do artesanato na comunidade de Barateiro – Itapajé/CE*, 2006. 165 f. Dissertação (Mestrado)- Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Artes e Design. Rio de Janeiro, 2006.
- PORTINARI, Denise. “A noção de imaginário e o campo do design”. in: Couto. M. S. e Jefferson, A. O. (org.) *Formas do Design por uma metodologia interdisciplinar*. Rio de Janeiro: 2AB & PUC-RJ, 1999.
- RAMOS, Iolanda. *O poder do pó: o pensamento social e político de John Ruskin (1819-1900)*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002.
- Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional “Ante-Projeto de criação do Serviço do Patrimônio Artístico Nacional”. In.: _____. *Mário de Andrade*. Org. Marta Rosseti Batista. nº 30, ano 2002.
- RUSKIN, John. *A economia política da arte*. Tradução por Rafael Cardoso. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- _____. *Seven Lamps of Architecture*, USA: Dover Publ. 1990.
- SANT’ANNA, Márcia. “Políticas públicas e salvaguarda do patrimônio cultural imaterial”. In.: _____. *Registro e políticas de salvaguarda para as culturas populares*. Org. Falcão, A., Série Encontros e estudos, n.6. Rio de Janeiro: Funarte; CNFCP, 2005.

SEGATO de CARVALHO, Rita Laura. “A antropologia e a crise taxonômica da cultura popular.” In: ____ *Seminário de Folclore e cultura popular: as várias faces de um debate*. Série Encontros e estudos, n.1. Rio de Janeiro: Funarte; CNFCP, 2000. p.13-22

_____. *Folclore e cultura popular - uma discussão conceitual*. In: _____. Seminário Folclore e Cultura Popular. Rio de Janeiro: IBAC, 1992.

SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS. *Termo de Referência. Programa SEBRAE de Artesanato*. Brasília; SEBRAE/UF, 2004.

SOARES, Lélia., *Encontro: Produção de artesanato popular e identidade cultural*. Rio de Janeiro: MEC/SEC, Funarte, INF, 1983.

UNESCO. *Convention pour la sauvegarde du patrimoine culturel immatériel*. Paris, 2003.

_____. *Políticas Culturais para o Desenvolvimento: uma base de dados para a cultura*. Brasília, 2003.

VELHO, Gilberto. “Identidades nacionais e cultura popular: o dialogo entre a antropologia e o folclore”. In: ____ *Cultura material: identidades e processos sociais*. Série Encontros e estudos, n.3. Rio de Janeiro: Funarte; CNFCP, 2000.

_____. “Observando o familiar” In: ____ *Individualismo e Cultura: Notas para uma Antropologia da Sociedade Contemporânea*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1981.

VIANNA, Letícia. “Legislação e preservação do patrimônio imaterial.” In: ____ *Textos escolhidos de cultura e artes populares*. Semana da Cultura Popular 2004. Rio de Janeiro: UERJ, 2004.

_____. “Patrimônio Imaterial: legislação e inventários culturais. A experiência do Projeto Celebrações e Saberes da Cultura Popular”. In: ____ *Celebrações e Saberes da Cultura Popular: pesquisa, inventário, crítica, perspectivas*. Série Encontros e estudos, n.5. Rio de Janeiro: Funarte; CNFCP, 2004.

_____. “Preservando a pluralidade: relatos de uma experiência institucional recente”. In: ____ *Experiências e perspectivas na proteção de expressões do folclore, artesanato e conhecimentos tradicionais - a experiência brasileira*. Seminário internacional sobre Conhecimentos Tradicionais, Folclore e Artesanato, da Organização Mundial da Propriedade Intelectual. São Luiz, 2002. Não numerado.

WOLFF, Janet. *A produção social da arte*. Tradução por Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1982.

WORLD INTELLECTUAL PROPERTY ORGANIZATION

INTERGOVERNMENTAL. *Session Committee on Intellectual Property and Genetic Resources, Traditional Knowledge and Folklore*. Geneve, 2002

7. Anexos

Anexo I- Programa Pluri-Anual (PPA)

O Programa Pluri-Anual (PPA) foi instituído pela Constituição Federal de 1988 (artigo 165, parágrafo 1º) e é um instrumento elaborado pelo executivo, com consulta à sociedade e submetido à aprovação pelo poder legislativo, com a finalidade de estabelecer “diretrizes, objetivos e metas da administração pública federal por um prazo de pelo menos quatro anos” (Ministério do Planejamento), orientando a elaboração do Orçamento da União para os quatro próximos anos, incluindo o primeiro ano do governo seguinte. Localizamos no PPA 2004-2007 os seguintes programas que atuam diretamente sobre o artesanato, respectivamente: órgão público, programa e objetivos. Ministério da Cultura (MinC): *Brasil Patrimônio Cultural*: Preservar e revitalizar o patrimônio cultural brasileiro; *Cultura Afro-Brasileira*: Preservar a cultura e a memória afro-brasileira; *Cultura e Tradições: Memória Viva*: Identificar, promover e preservar bens culturais de natureza imaterial. Ministério do Desenvolvimento Indústria e Comércio Exterior (MIDIC): *Arranjos Produtivos Locais*: Promover o desenvolvimento integrado de arranjos produtivos locais, elevando a competitividade local em consonância com a estratégia de desenvolvimento do Brasil; *Artesanato Brasileiro*: Fortalecimento da competitividade do produto artesanal para a geração de trabalho e renda e incremento de sua exportação. Ministério do Meio Ambiente (MMA): *Comunidades Tradicionais*: Melhorar a qualidade de vida dos integrantes de comunidades tradicionais, por meio de assistência técnica e financeira a empreendimentos produtivos e a iniciativas de auto-organização associadas à gestão ambiental; *Conservação e Uso Sustentável de Recursos Genéticos*: Promover o acesso, o uso sustentável, a biossegurança e a repartição dos benefícios decorrentes da utilização dos recursos genéticos e do conhecimento tradicional associado. Os programas que atuam indiretamente são: Ministério da Agricultura (MA): *Desenvolvimento do Cooperativismo e do Associativismo Rural e o Desenvolvimento da Caprinocultura*; no Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT): *Ciência e Tecnologia para Inclusão Social*, onde está alocado o projeto sobre as tecnologias sociais; Ministério da Integração Nacional (MI): *Organização Produtiva de Comunidades Pobres - PRONAGER*, *Promoção da Sustentabilidade de Espaços Sub-Regionais - PROMESO* e *Promoção e Inserção Econômica de Sub-regiões - PROMOVER*; Ministério da Justiça (MJ), *Identidade Étnica e Patrimônio Cultural dos Povos Indígenas*.

Anexo II - Entrevista com Luciana Carvalho.

Transcrição de entrevista com Luciana Carvalho (LC), antropóloga e pesquisadora do Projeto Cuias de Santarém do Centro Nacional do Folclore e Cultura Popular -CNFCP, IPHAN/MinC-, concedida a Fabrícia Cabral(FC), na própria instituição em outubro de 2006.

Fita 01

(LC) - A gente começou a trabalhar em 2002 com 5 comunidades lá no interior de Santarém, que eram 5 comunidades famosas, as referências no município dessa produção das cuias. E aí a gente começou a trabalhar, fazer pesquisa de campo, visitar e ia e vinha. Fomos descobrindo como elas faziam as cuias, quais eram os processos, essas coisas, né. E percebemos que elas não tinham mais o hábito de desenhar na cuia, porque elas faziam principalmente a cuia preta, lisa, até a etapa do tingimento, de preto, e aí vendiam a cuia na cidade. Elas ficam assim, entre 4 e 6hs de barco da cidade, da sede do município. Então elas faziam as cuias pretas, lisas, e vendiam na cidade, para artesãos da cidade, que pintavam, principalmente com as paisagens.

(FC) - eu conheço o padrão

(LC) - É, aquela coisa, a garça, o pôr-do-sol, o rio, aquela coisa assim... Então elas vendiam por R\$3 a dúzia, e a gente começou a trabalhar com elas, para recuperarem a prática do desenho, ao mesmo tempo em que a gente começava a buscar outros mercados. Porque assim, quando elas faziam as cuias desenhadas, para vender na cidade, acrescia R\$0,30, R\$ 0,50 no preço final da dúzia. Então não valia a pena, aquela trabalhadeira, e não adiantava. Você já tem isso aqui?

(FC) - Não.

(LC) - Então, pode levar. Um é o catálogo da exposição, que tem um pouco do texto etnográfico, alguma coisa dos processos artesanais, e esse outro quadrado aí é o catálogo dos produtos, que foi uma linha que elas acabaram desenvolvendo ao longo do projeto. Então a história dessa apostila, né... voltando... a gente começou a trabalhar com elas para recuperarem a prática do desenho, ao mesmo tempo que abria mercado em outros campos, que não aquele ali, de Santarém. Então, começou o problema, e agora, o que a gente vai desenhar? Elas lembravam de uma série de padrões, mas não faziam mais. Principalmente as mais velhas que lembravam – ah, minha mãe fazia, minha avó fazia, eu mesma fazia, mas hoje em dia não faço mais, e agora, o que a gente desenha? Então a gente começou a fazer uma pesquisa em acervos de museus, dos padrões iconográficos dos padrões de decoração de cuias. A gente fez no Museu do Índio, que não tem coleção etnográfica indígena... aqui no próprio Museu do Folclore, no Museu de Arqueologia e Etnologia da USP, mas aí já foi uma outra história...no Museu Nacional, e no Museu Goeldi...aí, principalmente aqui, no Museu Goeldi e no Museu Nacional, a gente encontrou cuias do século XX, que tinham assim muitos padrões florais -brasões, bandeiras, coisas assim. E no MAE da USP, a gente

investiu numa coisa de intervenção, que era assim: em Belém, em outras localidades, a gente viu que tinha artesãos urbanos que compravam cuias lisas, que chama pitinga, ela crua ou preta mesmo, e... estou tentando lembrar o nome do cara, eu estava com o Ricardo, foi a nossa primeira viagem de campo que a gente fez junto. Ele tinha um livro, Arte da Lux Vidal, um livro dela, de grafismo indígena, então ele pegava a cuia preta, estava com o livro aberto, você podia escolher, ele pegava lá e...

(FC) - Era incisão também?

(LC) - Era incisão, mesma técnica... ia rascunhando lá, Assuniri, Kaiapó, Kamayurá, Karajá, você ia escolhendo, então ele copiava do livro e fazia. Foi uma coisa assim, que chamou atenção, essa coisa étnica na cuia, né? Santarém tem uma presença tapajônica fortíssima, da cerâmica tapajônica. Na orla da cidade, o piso, como é Copacabana que tem aquelas ondinhas, a orla de Santarém é com os grafismos tapajônicos reproduzidos em pedras. Então, tem essa referência muito forte, nos museus tem peças de cerâmica tapajônica. Ainda hoje se encontram várias peças em obras... de casa mesmo, nem é instalação científica. Você faz uma obra em casa, cava o terreno e encontra várias peças da cerâmica tapajônica, cachimbos, pedra, martelo, pedaços de vaso, com incisão. Aí a gente começou a levantar, além desses padrões encontrados nas cuias de museus, a gente começou a levantar também os padrões gráficos tapajônicos encontrados na cerâmica, e daí formou essa apostila - essa foi a história. Então enquanto a gente ia juntando material essa apostila ia sendo devolvida para elas. Alguns desenhos já eram conhecidos, os da cerâmica tapajônica eram absolutamente desconhecidos, e os florais sim, eram mais usados e elas tinham de memória. Assim, muitas não sabiam fazer porque não chegaram a pegar uma época em que valia a pena fazer isso, mas elas tinham de memória, a mãe sabia fazer, a avó sabia fazer, então elas conheciam aqueles desenhos. Foi isso, minha entrada para a cultura foi essa, alguns desenhos jamais foram incorporados.

(FC) - Esse programa foi do projeto realizado junto com o Artesol, com a Comunidade Solidária, e junto com o Sebrae...

(LC)- Foi, foi isso...

(FC) - O Sebrae participou dele, ou não?

(LC) - Nesse projeto, sim, o Sebrae participou assim... com oficinas de associativismo, de formação de preço, de gestão. Não participou em nada do design, na verdade não houve nenhum designer para trabalhar com elas.

(FC) - Houve intervenção de design por antropólogos?

(LC) - É, houve uma intervenção assim...

Fita 02 (voc 006)

(LC) - ...Esse tamanho...então, não é a decoração não, esse tamanho...e as outras cuias, são fruto, né?

(FC) - Hum ...

- E as outras cuias não eram aproveitáveis, porque tem cuia desse tamanho. Começaram a perceber que tinham que fazer outras coisas e aí elas começaram. dá uma olhada no catálogo para ter uma noção. Está vendo, começaram a aproveitar. Esses que estragavam no pé, elas começaram a aproveitar, fazer travessa... umas bem miudinhas..., outros formatos, começaram a fazer outros cortes, ...e as outras coisas que elas inventaram. Quando elas retomaram a prática do desenho, começaram também a misturar padrão tapajônico com a flor e por aí vai...e começaram a buscar em outras fontes opções de desenho...até em livro didático começou. É...as paisagens, que ainda acontece muito, que vende muito... Então essas coisas que você está vendo foram tiradas de livro didático, que é o que estavam a fazer... da fauna local...o tambaqui, o pirarucu, a cobra, a arara, a tartaruga.

(FC) - Isso foi tirado do livro? Ou foi da fauna?

(LC) – Não, eu acho que... Eu não posso dizer de todo, mas eu creio que a maioria foi do livro. Eu digo isso porque eu não sabia como estava acontecendo, aí eu peguei um livro e falei - agora descobri...peguei um livro feito especialmente para os professores da Várzea, e lá eu descobri o pirarucu, a tartaruga... Não sabia da onde que vinha. Agora entendi de onde vem, mas não sei te dizer se tudo vem do livro.

(FC) - É, mas o fato é que elas tentaram inovar, tentaram outras...partindo de um estímulo inicial... Então elas foram atrás.

(LC) - É, começaram a inventar o que desenhar, porque lá em Monte Alegre, que é um município próximo, eles estão usando as pinturas rupestres, estão fazendo um trabalho com incisão. O mesmo Sebrae que atuou com a gente tem trabalhado nesse projeto com esse pessoal lá, em design lá, com artesanato. Mas eu não sei, eu não posso te dizer muito. Tem uma coisa de recuperação da cerâmica tapajônica, ou trabalho com réplicas...eles trabalham... trabalharam com o pessoal que faz trançado. Nesse caso do trançado, eles trabalharam com algumas comunidades, e como tinha dado certo a parceria no caso das cuias, eles insistiram para que a gente estendesse um outro projeto para essa outra região, com o pessoal do trançado. E aí já tinha acontecido uma série de oficinas deles lá, nos desenhos das peças, o lance da pigmentação das peças, para uso de matéria-prima natural, no caso da anilina, das ervas...ok? E aí a gente continuou trabalhando também nas mesmas comunidades que as deles, mas eles pararam de fazer as oficinas de design. E aí a gente começou a chamar um pessoal que tem um trabalho muito bom, eram umas mestras artesãs que têm um trabalho muito bonito, muito, muito bonito. E elas queriam ensinar as técnicas nessas comunidades que a gente estava trabalhando. Só que elas tinham passado por um processo muito forte de intervenção, que é o pessoal do Projeto Causa e Alegria. Houve um trabalho

longo, de uma década de intervenção no design das peças, na organização da produção, tudo. Então, essas mulheres já levaram né...já se tornaram multiplicadoras da intervenção.

A gente tem procurado esses projetos só pela intervenção.

É, a gente intervém, nem sempre é no design, tem casos que avaliamos que não tem necessidade de mexer em nada da peça, mas tem que mexer nas condições de produção, falta matéria-prima, aí tem que intervir estimulando o plano de manejo, ou tem que intervir organizando o grupo, que está todo desmantelado... e criando um pacto de trabalho, porque não tem. Tem que intervir criando um espaço de armazenamento, coisa assim, então...os nossos projetos têm variado muito em função das características de cada comunidade, de cada lugar que a gente vai trabalhar. O design não é uma preocupação em si, em alguns lugares ele pode aparecer, em outros não, nem sempre.

Anexo III- Relatório de Atividade do Programa Artesanato Solidário/ Oficina: Reconstrução da Identidade Étnico-Cultural dos Ribeirinhos da Amazônia.

RELATÓRIO DE ATIVIDADE DO PROGRAMA ARTESANATO SOLIDÁRIO – PROJETO CUIAS DE SANTARÉM-PÁ

OFICINA: RECONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE ÉTNICO-CULTURAL DOS RIBEIRINHOS DA AMAZÔNIA

Local: Centro do Aritapera

Período: 31/10 a 01/11/02

Nesse período foi realizada a oficina denominada: **RECONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE ÉTNICO-CULTURAL DOS RIBEIRINHOS DA AMAZÔNIA**, sob a coordenação do Grupo Consciência Indígena - GCI, na assessoria da Pedagoga Graça Tapajós. Tal atividade faz parte do termo acordada entre a Associação Cultural de Amigos de Folclore Edison Carneiro e o Grupo Consciência Indígena, que são parceiros no Projeto Cuias de Santarém. Tendo como objetivo geral: Possibilitar uma Reflexão e Ação com os artesãos para criarem e recriarem valores Expressivos com a possibilidade de inserção no mercado de consumo.

Das quarenta(40) pessoas inscritas, trinta e sete (37) compareceram sendo assim representadas: Cabeça D'onça (08 pessoas); Surubi-açu (04 pessoas); Enseada do Aritapera (08 pessoas), entre elas três moças e um rapaz; Centro do Aritapera (10 pessoas), entre elas uma jovem; Carapanatuba (07 pessoas), entre elas duas moças e um rapaz.

ATIVIDADES DESENVOLVIDAS:

Das 7:00 às 8:00 Credenciamento das comunidades.

Às 8:00 hs. Abertura pela coordenação do Centro do Aritapera, feita pela Srª Marta R. Maduro. Em seguida, Zenilda agente local do projeto pediu que cada artesã se apresentasse dizendo seu nome e o trabalho que faz nas cuias. Depois falou dos objetivos da oficina, lembrando que o local desse encontro ficou aharrado no encontro anterior que o SEBRAE realizou. Em função de facilitar o acesso de jovens estudantes. Após essas explicações, houve acerto de horário das atividades durante a oficina.

Às 9:00 hs. Assessora – Graça Tapajós, iniciou enfatizando os objetivos da oficina. Refletindo sobre a importância do trabalho do G.C.I., que já atua nas comunidades do Tapajós e do Arapiuns. Que são comunidades que resgataram e estão revalorizando sua cultura. Dando início ao conteúdo programático conforme o cronograma das atividades, foi abordada a parte teórica puxando às noções básicas de cultura conceituando-as. Estas reflexões estavam somadas também às diversas formas culturais dando ênfase à contribuição da cultura indígena ao povo Brasileiro, assim como também o amor a terra, a água e sua relação com o meio ambiente. Reforçando a parte teórica foi assistido e discutindo o vídeo (Direito à Diferença).

Pela tarde trabalhou-se os subsensores, resgatando entre os presentes, quais eram suas crença, tradições e costumes. Cada participante manifestava sua realidade cultural e confirmando o que tinha sido discutido pela parte da manhã.

Para intensificar o conteúdo trabalhado, desencadeou suas atividades em 5 grupos por comunidades. Nesse trabalho as mesmas discutiam em si como viviam suas crenças, costumes, e tradições deixadas pelos seus antepassados. Em seguida foi socializado os trabalhos conforme os depoimentos das comunidades:

CRENÇAS:

Cabeça D'onça:

Cobra Grande – “essa cobra grande na minha comunidade existia, eu não sei agora onde ela está, mas botou muita gente pra correr, botou gente pra terra e não faz muito tempo botou um compadre meu pra subir uma ladeira”.

PAJÉ – “O pajé já existia também, esse pajé já morreu, o nome dele é Nero. Lá ele era o pajé de todo mundo, só que ele tinha um detalhe que dizia assim (...), quando ele falava só já de cedro e prego podia botar o doente a esperar a morte, que morria mesmo.”

ENCANTE – A criança desaparecida, uma criança filha da Eliete e do Paulo, passou a noite inteira na mata, o pessoal rodeava a casa, passava perto, só um menininho que ouvia a criança chorar, ninguém mais ouvia (...), quando foram achar a criança eram mais de 10 horas do outro dia, todo mordido de muito carapanã, formiga. Esse menino é chamado de formiga da velha, eles dizem que foi uma velha do mato que levou ele.

SURUBI-ACU (PEIXE GRANDE)

Elizabeth – 43 anos.

“Na minha comunidade dia de terça e sexta-feira aparece muito assobio, então as pessoas mais antigas como bem a minha mãe e minha sogra dizem que só alivia isso se fizer defumação e cruz na estrada”.

ENSEADA DO ARITAPERA:

Raimunda Santana – 38 anos

Mãe da Mata;

Ainda essa semana a cigarra cantou as 6 horas da tarde, aí eu disse olha a cigarra cantando? responde um filho que eu tenho, isso não é canto da cigarra eu estava lá na casa da vovó e aí a cigarra cantou, ela disse: olha meu filho! 6 horas da tarde te cuida! Não vai sozinho agora pra casa por que isso é a mãe da mata que está cantando.

TRADIÇÃO:

CENTRO DO ARITAPERA:

Marta Maduro – 46 anos;

- X “Remédios caseiros, quando temos qualquer doença fazemos chá”.
- “Quando me entendi minha avó já trabalhava nas cuias e quem iniciou esse trabalho foi uma Senhora de nome Anita”.

CARAPANATUBA:

Lélia Almeida – 52 anos.

“A alvorada nas festas se solta fogos para despertar a comunidade”.

“Mantemos a solidariedade de visitar os vizinhos doentes”.

COSTUME:**CARAPANATUBA**

Lélia – “Tomar Jacuba (água com o açúcar) na cuia”.

“Comer fruta com farinha”

ENSEADA

Núbia (59 anos)

“Fazemos mutirão de limpeza na comunidade”

SURUBLACU

Maria P. Lopes (67 anos)

“Tomar xibé (farinha com água) na cuia, quando chega da roça com sede”

Com base nos depoimentos, cada comunidade voltou ao seu grupo e foram organizar apresentações para a noite cultural, que aconteceria após o jantar culminando com as seguintes modalidades: Para abrir a noite cultural foi apresentado um ritual pelos membros do Grupo Consciência Indígena que fez a purificação do ambiente e em seguida a dança do Xibé Puranga. E as 19:00 deu início com muitas pessoas de varias comunidades vizinhas. Dentre os números apresentados o que mais se destacou foi a “dança do Marambiré”. Essa tradição não se apresentava há 14 anos, por falta de incentivo das pessoas da comunidade do Centro do Aritapera.

Na manhã do dia 01/11/02 – iniciamos com uma mística ao ar livre onde saudamos a natureza e dançamos, cantamos os Filhos da Floresta, uma dança indígena que o GCI ensinou aos que estavam presentes no encontro.

Antes de iniciar os trabalhos Zenilda passou as informações gerais sobre as feiras

Retomando os trabalhos, Graça incentivou que cada comunidade se reunisse em grupo para construir a historia dessas comunidades – (conforme anexo)

Essas historias foram socializadas na parte da tarde pessoas sentiram dificuldades em lembrar, mas aos poucos juntaram as informações.

No final da tarde Zenilda a agente local foi convidada pela radio rural (emissora católica AM) para participar do programa de mulher para mulher para falar sobre o Projeto das cuias. Na oportunidade, Zenilda convidou a comunidade para prestarem informações sobre como anda o Projeto. A Srª Raimunda Sebastiana (comunidade do Aritapera) e a Srª. Veralicia (Enseada) participaram meia hora de programa, e fomos convidadas para ir mais vezes falar do resultado do projeto.

Encerramos o encontro com uma avaliação e a dança do marambiré.

AVALIAÇÃO:

Elizabeth – Surubi-açu

“... eu quero dizer que para mim foi útil, coisas que eu não sabia agora eu já sei, e o que me chamou mais atenção é a gente não ter vergonha de se expressar e de dizer o que agente é, porque até na minha própria comunidade tem pessoas que se nega dizer que é lá do Surubi-açu só porque é interior de várzea, então agora ficou bem claro pra mim, e isso vem transmitir para os meus irmãos que ficaram lá que isso não é discriminação tem que dizer mesmo a realidade o que a gente é hoje”.

Alzira – Carapanatuba

“O que me chamou atenção, foi o negocio das crenças dos costumes das tradições, antes eu não dava muito valor a isso, mas agora com esse curso já deu pra valorizar mais...”.

Nélia A Maduro – Carapanatuba

“... com a descoberta do que somos, nós hoje, eu acho assim muito importante porque isso nós não vamos guardar, só conosco, nós vamos transmitir porque tem tantas pessoas que cuidam das cuias (...) até mesmo para a valorização do nosso trabalho e do nosso auto sustento (...) o que nós queremos é produzir, melhorar a nossa qualidade (...) eu quero mesmo é ficar nesse trabalho do projeto (...) valeu vocês vieram nos acordar para o futuro...”

Elen – Enseada do Aritapera

“ O que eu achei foi bom, quase assim foi tudo, somente o conhecimento que adquirimos, sobre as crenças assim já tinha, mas não tinha aquele conhecimento elevado e agora eu adquiri com certeza, e o que não foi bom foi o tempo, eu esperava que fosse mais para ter esse entrosamento com o pessoas do Grupo Consciência Indígena. O que mais me chamou a tenção foi assistimos o vídeo pôde ver que os indígenas estão tentando por dias melhores e dos jovens indígenas que apesar de estarem em universidade eles não tem vergonha de dizer que são índios (...) quando estiverem lá em cima vão sempre lutar pelo seu grupo...”

Hilário Marcelo – Enseada do Aritapera

“Pra mim foi muito válido comparecer hoje, agente se entrosa com as pessoas, solta o coração (...) e foi muito bom isso. Eu também não tenho vergonha de dizer que trabalho em cuiá com a minha esposa e filha (...) eu acho que eu perdi de não ter acompanhado desde o inicio...”.

Raimunda Santana – Enseada do Aritapera

“ O que foi muito bom que eu achei foi a participação das comunidades cada uma que esteve presente vai levar algo de bom para repassar para aqueles que não puderam vir (...) com esse curso serviu para que nós pudéssemos valorizar, resgatar a nossa cultura, valorizar as nossas famílias (...) e o que não foi bom foi o tempo que foi muito curto, infelizmente foi só esses dois dias (...) O que mais me chamou atenção foi a participação dos jovens, resolveram soltar as vozes (...) quem sabe os jovens estando aqui participando eles vão conseguir conversar com outros jovens dizendo isso, que não tem que ser assim, nós não temos que ter vergonha de dizer o que nós somos quem nós somos, a nossa comunidade como ela é...”.

Durvalina – 62 anos – Cabeça D'onça

“... quero agradecer a Graça, Zenilda e Nely pela paciência que tiveram conosco, tirando aquilo das nossas mentes que nós tínhamos. Uma coisa que nós dizia que era porque diziam que era e

era uma coisa que não era, mas hoje em dia eu quero dizer pra vocês que eu me orgulho de dizer que sou índia”.

Ana Eliete – Centro do Aritapera

O que achei do curso, foi muito ótimo, o que me chamou atenção é que eu não sabia da minha descendência agora eu descobri que sou índia (...) Peço que não esqueçam a gente que sempre venham trazer essas mensagens boas.

Centro do Aritapera

Avaliação que faço do curso, eu achei que foi muito bom, muito proveitoso e que foi uma coisa que está resgatando os nossos antepassados, nós temos mesmos descendência de índios, um coisa que a gente tem que manter vivo a nossa cultura, nossa origem, então eu gostei demais do curso porque vocês vieram abrir a nossa mente (...) quero agradecer muito a vocês, pois estão abrindo nossos olhos, porque o que já se passou a gente tem que resgatar (...) O que gostei também foi a união do grupo estamos trabalhando em conjunto (...) quero agradecer ao Grupo Consciência indígena ter vindo trazer essa idéia de abrir nossos olhos pra gente conhecer nosso passado, nossos antepassados que estava escondido que a tecnologia veio abafar então agora agente tem que resgatar

HISTORIA DA COMUNIDADE

— CENTRO —

Vida no passado e no presente

Aritapera foi fundada antes da Guerra do Paraguai e o primeiro nome era Terra de Vera Cruz e depois foi chamada de Ilha da Trindade. Os primeiros habitantes foram os índios e seu chefe chamava-se Ari e sua oca chamava-se Tapera. Daí então originou o nome de Aritapera.

O pessoal daquele tempo só trabalhava em puxirum comunitário. A nossa terra era cheia de fartura como: canaviais, bananais, cocais, seringais e muitos outros. Os nossos lagos tinham peixes em fartura além de tracajás, pássaros. Aqui também se fabricava o açúcar, pois havia grandes engenhos onde fabricavam cachaça, rapadura e mel.

O povo antigo não possuía relógio eles conheciam a hora através das estrelas, do sol e da lua. Nessa época não existia colégio as aulas eram ministradas nas próprias casas e o ensino era até a 3ª série.

Antes havia danças de boi, lundum, pastorinha, teatrinhos baifados e outros tipos de brincadeiras, os animadores eram os senhores Heudegerio, Mici Campos e a professora Bernadete, Evangelina e Petronilo. Depois deram continuidade seus filhos e netos.

Antigamente os meios de transportes eram a canoa à vela. Nossas casas eram no chão quando a água enchia se fazia a maromba, que era de embaúbeira e mungubeira. Depois dessa época houve fundação de clubes esportivos, clube de mães de jovens e outros.

As pessoas ainda fazem o puxirum, temos a nossa Igreja, tem como o Padroeiro São Sebastião e Santíssima Trindade, a qual realizamos a festa religiosa no mês de Janeiro, pois a mesma chama a atenção de muitos filhos da terra e outros.

Já tivemos vários presidentes estes ocupam o cargo de 2 em 2 anos e atualmente temos o Srº Raul Maduro Sousa.

Hoje em dia estamos felizes com o nosso grupo de artesãs a qual 11 fazem parte. Temos um colégio com o pré-escolar ao 2º grau. Temos enfermeira, agente de saúde e também a nossa farmacinha caseira. Esperamos daqui para frente conseguir algo melhor.

A nossa comunidade composta por 75 moradores.

HISTÓRICO DA COMUNIDADE

- ENSEADA -

A comunidade Aritapera deu-se início em homenagem a um índio chamado Ari que morava em uma maloca chamada Tapera e assim foi fundada em 1821. As primeiras famílias que habitavam nessa comunidade eram as seguintes: Reça, Maia, Correa, Ribeiro e Ferreira e a partir daí a comunidade foi crescendo com a participação de todos na igreja de São Sebastião.

Em uma visita pastoral do Bispo Dom Tiago em 1968 e sendo assim houve as divisões da comunidade em três partes: Enseada, Centro e Carapanatuba, para facilitar a participação dos mais velhos na igreja. Em 1970, Núbja e Adailson fizeram a primeira catequética no Seminário São Pio X. E a partir daí foi dado o nome de Enseada do Aritapera, devidamente a curva do rio. Nessa época não tínhamos capela própria e com isso as Liturgias eram celebradas na casa do Sr. Martinho-Correa. Continuamente a Sr^a Lenil coordenou a comunidade a partir da organização da comunidade, conseguimos um barracão e logo em seguida a Igreja de Santo Antonio, onde nos reunimos até hoje.

Com muita garra e união hoje há colégios, sede, clubes de futebol, clubes de jovens, clubes de mãe, associações e finalmente hoje temos o grupo de artesãs com 11 participantes, obtendo 36 famílias na comunidade, sendo o presidente Raimundo Pinto.

Quando D. Maria se entendeu a Bisavó dela já cuidava em cuias e aí foi passando para filho e netos e as pessoas foram aprendendo a trabalhar nas cuias e continuam a trabalhar nas cuias e vamos continuar trabalhando sem parar.

HISTÓRICO DA COMUNIDADE

• - SURUBI-AÇU -

Era só uma terra cheia de mato, um Senhor chamado Pau Ferro passou a morar nesta terra. Construiu sua casa feita de Pau de embaúbeira coberta de capim, chamado de muri e as paredes também. No decorrer do tempo chegou uma senhora chamada Senurinha Pontes que veio de Urucará, ela também tomou um pedaço de chão para ela. Eles sobrevivem do alimento da caça, quando eles iam descansar a noite eles arrodiava a maloca de tocha de fogo, por causa de muitas onças, devido a terra ser muito alta, eles faziam funil de folha do pau pra apanhar água. Ai foi aumentando moradores e também as terras foram caindo. Foi formando uma praia no meio da Amazonas. Onde foi um Senhor que pegou um Surubim muito grande, ai se espalhou a noticia para os moradores, por causa desse peixe que deram o nome de Surubi-açu.

Depois chegou um Senhor chamado Ricardo, começamos a reunir as famílias para se divertirem, pois ele tocava rebeca, tocava sozinho a doma dele era um pedaço de pau. A população foi gostando e foram se reunindo para se divertir.

A tradição religiosa era só em latim, eles se reuniam nas casas com as famílias e após a reza eles ofereciam um café.

Já em 1953 foi construído um local chamada Latada foi feito pelo Sr. Antonio Procópio Ferreira, a esposa dele ficou grávida e ele fez uma promessa se a mulher dele tivesse um bom parto ele daria o nome da padroeira N. Sra do Bom Parto.

A primeira professora foi Mariana e em 1969 foi fundada a Escola que tem o nome de Presidente Costa e Silva. A professora que trabalhou nessa Escola foi Maria de Fátima Oliveira. Hoje Surubim-açu tem 23 famílias e 159 habitantes, um clube de futebol e um Escola de 1ª a 4ª serie, temos um professor Francisco Pontes Lima e o presidente Valdelirio Pontes Duarte.

HISTÓRICO DA COMUNIDADE

CARAPANATUBA – *Furo canal de entrada*

Antigamente havia vários moradores (famílias) destaca-se alguns nomes como: Hermógenes Fernandes, Matias Caldeiras, Belmira Moraes, Maroca Martins, Juvência Oliveira etc. Essas famílias viviam fazendo seus trabalhos de agricultura como: banana, cacau, riscar seringueira para fazer sernambi (látex), plantar juta, roça, manga e pescar somente para alimentação. A partir de 1953 houve a primeira enchente que inundou as terras, teve espaço de mais de 17 anos e as enchentes voltaram inundar as terras e as plantações acabaram, ficando mais difícil e continuou outras plantações temporárias como plantio de feijão, milho e a continuação do artesanato das cuias já existentes.

O Espaço geográfico é diferente as casas ficam na parte de trás de outras restingas que fica a margem do rio a entrada era feita por um canal denominado Carapanatuba, quanto a escola sabe-se que em 1949 já havia uma professora Maria Lemos que lecionava pelo Estado com nome da Escola Estadual Getúlio Vargas e os movimentos religiosos eram feitos na Igreja S. S. Trindade no Centro do Aritapera, que era considerada uma só comunidade. Em uma visita a Pastoral de D. Tiago Ryan no 2º semestre de 1968 ordenou que por causa da distância para os idosos e crianças, deveriam formar núcleo para celebrar a parte dessa ordem a mesma equipe catequética que celebrava na Igreja S.S. Trindade pela manhã, passou a celebrar à noite na casa do Sr. Amaury Mota em 1969 2º semestre passou uma equipe formada pelo Frei Guilherme, Irmã Josefã, Frei Luis Calandrine e uma secretaria que passou 2 dias visitando as famílias e no final houve uma celebração e afirmação de que passaríamos a caminhar como comunidade desde que se formava uma equipe catequética e a partir daí o Padre passou a fazer as visitas pastorais e ministrar os sacramentos de Batismo e Matrimônio, o sacramento da 1ª Eucaristia que acontecia na Igreja S.S. Trindade. Depois passamos a celebrar na casa da Srª Inocência Moraes e em 1976 construímos um barracão para atender as necessidades da comunidade como Escola, reuniões, celebrações.

Entre os anos de 1989 a 1990 construímos uma Igreja e decidimos resgatar a memória que uma família que organizava a festa de comer e beber com a imagem de Santa Luzia. Em 05/12/90 a imagem de Santa Luzia foi doada pela Srª Joana Bintense e foi recebida em procissão na presença do Padre Gonzaga Vidal.

A comunidade continua recebendo sempre buscando resgatar e priorizar a vida das famílias com relação à saúde a educação e preservação do meio ambiente e dar testemunho de Evangelização e libertação de tudo o que oprime e reprime nossa maneira de ser e viver.